

Biografia coletiva e carreira acadêmica: uma entrevista com Flavio Heinz

Collective biography and academic career: an interview with Flavio Heinz

Luis F. S. Sandes¹

luis.sandes@usp.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1762-1412>

Resumo: Flavio Heinz é historiador com larga experiência em universidades brasileiras e estrangeiras, além de ter dirigido uma associação profissional. Atualmente é professor titular do Departamento de História e Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nesta entrevista, fala da sua trajetória acadêmica – desde a sua formação inicial no Brasil até o seu doutoramento na França –, da sua atuação como professor universitário e também do exercício da direção de uma agremiação de historiadores, a Associação Nacional de História (ANPUH). Também fala sobre métodos de pesquisa, em especial sobre a biografia coletiva do historiador francês Christophe Charle, que tem crescido no Brasil e da qual é um dos introdutores no país. Comenta seu contato próximo em Paris com Charle, uma referência desse método. Explica os seus projetos em andamento.

Palavras-chave: Entrevista; Biografia coletiva; Historiografia; Carreira acadêmica; Metodologia de pesquisa.

Abstract: Flavio Heinz is a historian with extensive experience in both Brazilian and foreign universities, besides having been director of a professional organization. Currently, he is full professor of the Department of International Affairs and History at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. In this interview, he talks about his academic career, about his formative years both in Brazil and France and also about his roles as professor and director of a professional organization. He also speaks about research methods, especially about collective biography as proposed by French historian Christophe Charle, which has been growing in Brazil and of which is the main introducer in this country. He comments on his close contact in Paris with Charle, who is a reference for this method, and explains his ongoing projects.

Keywords: Interview; Collective biography; Historiography; Academic career; Research methodology.

¹ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rua do Lago, 876. Cidade Universitária. CEP 05508-080 São Paulo, São Paulo, Brasil.

O historiador Flavio Heinz atualmente é professor titular do Departamento de História e Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica. Ele já passou por diversas universidades, tanto brasileiras como estrangeiras, tópico abordado na entrevista abaixo. Seu doutorado em História e Sociologia do Mundo Contemporâneo foi realizado na Universidade de Paris X, Nanterre, em 1996. Suas pesquisas enfocam temas de História das elites técnicas e do Estado e adotam perspectiva comparativa. Já lecionou em cursos de graduação e de pós-graduação disciplinas sobre História do Brasil e História global. É membro da Sociedade Brasileira de História da Ciência e da inglesa Society for Latin American Studies.

O pesquisador tem vasta produção bibliográfica. Fez ao menos dez publicações em revistas acadêmicas, entre as quais se destaca artigo sobre os primeiros docentes e diplomados da Escola de Engenharia de Porto Alegre (Heinz, 2009). Organizou diversos livros, a maioria sobre temáticas de elites. Entre eles, está a coletânea *Por outra história das elites* (Heinz, 2006b), que apresenta o método prosopográfico de Christophe Charle, ao lado de ensaios prosopográficos, ao público leitor brasileiro. Sua tese de doutorado (Heinz, 1996), em que ele descreveu o perfil coletivo dos dirigentes de duas organizações patronais rurais, tomando como mote conflitos sociais entre eles e trabalhadores rurais, foi publicada como livro na França (Heinz, 1998).

Heinz é um dos introdutores do método da biografia coletiva no campo da historiografia no Brasil, especialmente aquele desenvolvido por Charle. Também conhecido como método prosopográfico, trata-se de abordagem metodológica de longa trajetória. Seus desenvolvimentos mais significativos dentro da disciplina da História se dão no século XX, depois da I Guerra Mundial, em estudos sobre diversos assuntos, das História Antiga ou Medieval (cf. Stone, 2011). Mais tarde, um destacado teórico dessa linha de pesquisa será o historiador francês Christophe Charle – nascido em 1951, é professor de História Contemporânea na Universidade de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e inspirou a carreira do entrevistado. Com esse flexível método, é possível fazer sociologia no passado, isto é, analisar sistematicamente as relações sociais de um certo grupo social, ainda que seja de época remota. Após definir-se uma população a ser estudada, dirige-se-lhe “[...] um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política” (Charle, 2006, p. 41). Em suma, essa abordagem é útil para compreender as relações internas do grupo estudado, além de suas relações com outros grupos sociais, em especial as elites.

Importa explicitar que nem biografia coletiva nem prosopografia são termos unívocos. São, isto sim, termos utilizados por grande variedade de autores, das mais diversas áreas das Ciências Humanas. São até mesmo usados por autores de fora do meio acadêmico, ampliando enormemente os sentidos a eles atribuídos. Cabe registrar, a título de exemplificação, a abordagem desenvolvida pelo sociólogo Miguel Ângelo Montagner em sua tese de doutoramento sobre a elite acadêmica da Unicamp, que se baseou nos sociólogos Pierre Bourdieu e Maurice Halbwachs (Montagner, 2007).

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail em agosto de 2018, Flavio Heinz versa sobre sua carreira acadêmica, o método prosopográfico e outros métodos de pesquisa, sua atuação como diretor de associação profissional e seus projetos em andamento.

O senhor se graduou em História e depois cursou mestrado em Sociologia. O que o levou a essa mudança?

Meu mestrado foi em Sociologia Rural, e o que me levou a ele foi o interesse pela dimensão política do mundo rural. Em meados dos anos 1980, o que realmente acontecia de interessante no país acontecia no campo, e quem lidava com os temas rurais era a Sociologia. Havia os sem-terra, movimento renascido no final dos anos 70. E havia o imenso poder social e político dos proprietários de terras que começava a se manifestar. Todo um campo a estudar, um verdadeiro laboratório social se abria aos interessados. A Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) tinha um bom programa, organizado, acredito, ainda nos anos 60, a partir dos convênios com o governo norte-americano e com a Universidade de Wisconsin (Madison). A Sociologia Rural foi, portanto, o caminho natural.

Da graduação e do mestrado eu trazia um interesse muito acentuado pela comparação, também um tema usual no campo da sociologia, embora não o tenha explorado na pesquisa de mestrado. Na graduação, no curso de História da UFRGS, eu havia tido contato com a obra seminal de Barrington Moore Jr., *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Esse livro me marcou profundamente, talvez a obra individual que mais tenha influenciado as escolhas acadêmicas que terminei fazendo na vida. A ampla análise comparativa que colocava em destaque as configurações de grupos dirigentes nacionais, arranjos institucionais e negociações com os setores populares (camponeses) dava destaque àquilo que seria meu tema de eleição durante toda a vida. Isto é, a relevância de se estudar as dinâmicas e os perfis das elites, fossem em sua dimensão política, social ou, mais recentemente, profissional, para se entender o mundo social. Graças a Barrington Moore Jr., guardei um ouvido sempre atento aos temas que vêm da Sociologia e da Ciência Política. Quando terminei o mestrado, eu

já era (ou me considerava, talvez seja mais correto dizer assim) meio historiador, meio sociólogo.

O senhor tem atuado como professor passando por universidades em diferentes cidades e mesmo países. No geral, o que tem movido o senhor nessas mudanças? Motivos pessoais ou motivos de alguma outra ordem?

Boa pergunta. Por certo deve haver alguma inquietude pessoal por trás de tudo, das escolhas que fiz, mas tentarei dar uma explicação racional ao processo, ainda que nunca o seja inteiramente. Trabalhei em duas grandes universidades privadas, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e, antes delas, em algumas instituições menores no interior do Rio Grande do Sul. Quando fui fazer meu doutorado na França, em 1992, eu já trabalhava em tempo parcial em uma pequena, mas muito boa instituição de ensino superior privada, dita comunitária (um sistema que funciona razoavelmente bem no sul do Brasil), no interior do Rio Grande do Sul, a Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Quando voltei ao Brasil, no início de 1997, era natural voltar para lá. Foi bom para mim e para a universidade, minhas responsabilidades aumentaram e o ambiente de trabalho era ótimo.

Em 2000, a Unisinos, que tinha um já bom Programa de Pós-Graduação em História, fez um processo seletivo para professor no qual fui escolhido. Assumi a nova posição, voltei a morar em Porto Alegre, coordenei o mestrado e o doutorado em História por vários anos, participei da direção da nossa associação profissional, a Associação Nacional de História (ANPUH), e acabei me tornando relativamente conhecido na área. Em 2008, a PUC-RS me convidou para integrar o seu programa de pós-graduação. Embora minha posição fosse bastante confortável na Unisinos, por razões pessoais (proximidade de casa, minha filha estava trocando de escola e eu queria estar perto, enfim, razões estritamente pessoais), aceitei, decisão que, depois, em parte, viria a lamentar.

A PUC-RS foi uma experiência diferente, mas produtiva. Tive espaço para criar um grupo de pesquisa que teve excelentes resultados e formou muita gente em prosopografia, o Laboratório de História Comparada do Cone Sul. Foram muitos bacharéis, mestres e doutores que puderam se especializar no método e agradeço a oportunidade de tê-lo podido realizar. Infelizmente, no âmbito administrativo/institucional, as coisas sempre foram truncadas e as disputas intestinas, presentes. Elas chegaram ao fim em dezembro de 2014, com minha sumária e inexplicada demissão. Em 48 horas, o trabalho de nove orientações em andamento e mais duas recém-iniciadas foi interrompido; projetos de cooperação internacional, abandonados; e um edital do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) recém-aprovado, suspenso. Um tsunami na minha carreira, é certo, mas um desastre também para a maioria dos meus orientandos – quase todos haviam ido ao Programa para minha orientação específica em temas de história das elites e prosopografia. Era um grupo de pesquisadores realmente excepcional, com algo singular que havíamos conseguido imprimir no grupo, acredito, uma “pegada” de trabalho coletivo, todo mundo tocando suas pesquisas e, ao mesmo tempo, colaborando num projeto geral do Laboratório, algo raro aqui do lado de baixo do Equador. Uma pena. É essa perda particular, a do modelo coletivo e colaborativo de trabalho, aquela que mais lamento.

Quase que imediatamente fui convidado, por colegas da pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR), para passar uma temporada como professor visitante naquela instituição. Eles eram já há bastante tempo meus parceiros em pesquisas interdisciplinares sobre elites políticas. A Ciência Política da UFPR tem uma tradição muito forte no campo de estudos de elites. Apreendi muito nesse tempo em Curitiba e tentei levar aos estudantes de lá um pouco da minha experiência com prosopografia. Aliás, os historiadores deveriam estar muito atentos à disciplina metodológica dos cientistas políticos, pois ganharíamos enormemente com isso. Na UFPR, permaneci quase dois anos, até tomar posse, concursado, como professor titular da UFRJ, em janeiro de 2018.

Por enquanto, estou por aqui, mas não tenho a percepção de muitos, provavelmente a maioria de meus colegas, que valorizam longas carreiras numa mesma instituição. Isso pode ser bom em algumas situações, mas não necessariamente manter-se numa mesma instituição é um elemento positivo numa carreira. Basta comparar com o que se tem em outros ambientes acadêmicos, como nos EUA e na Europa, onde a mobilidade do pesquisador e sua experiência em diferentes situações ou modelos institucionais são um elemento importante e altamente valorizado para a progressão na carreira. Meu amigo Karl Monsma, sociólogo e historiador, foi professor na Northwestern University, nos EUA, depois veio para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), depois deixou a universidade federal pela Unisinos, privada, onde eu era coordenador da pós-graduação, depois voltou ao sistema federal, passando em novo concurso na UFRGS. O fato de o Karl ter deixado a estabilidade de uma universidade federal por uma instituição privada deve ter sido visto como uma heresia por muitos colegas, mas lembro de, à época, conversar com ele sobre isso e vê-lo encarar o assunto com um pragmatismo absoluto, como algo completamente normal. Tratava-se de uma decisão acadêmica – ele desejava se transferir para o sul, por razões

peçoais e porque lá tinha laços de pesquisa, e isso bastou. Acho essa abertura à mudança algo muito salutar, pessoal e intelectualmente.

Em que momento da sua trajetória acadêmica o senhor se aproximou da prosopografia? Em que ela lhe foi útil inicialmente?

Fui para Paris com um projeto de doutorado em Sociologia, comparando políticas agrícolas e empresariado na Europa e América Latina. Hoje, se me fosse dado avaliar aquele projeto, não o aprovaria, com certeza! Era uma proposta um tanto ingênua, mal estruturada, carente de reflexão e de horizonte metodológico. Fiquei lá fazendo créditos de doutorado sem entusiasmo, torcendo por um milagre, algo que me colocasse nos trilhos de uma tese. A ideia original eu abandonei no primeiro ano por lá.

Foi nesse clima que me deparei, de forma absolutamente inesperada, com um pequeno texto de Christophe Charle (a quem eu não conhecia), falando, se bem lembro, de estudos comparados de carreiras universitárias entre França e Alemanha, através da prosopografia (palavra que eu nunca ouvira antes). Não tenho certeza absoluta, embora ainda tenha o recorte em algum lugar, mas acho que era uma matéria do pequeno jornal/folhetim *Liber*, um encarte da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, dirigida pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Bourdieu tinha Charle como um historiador de referência. Eram bastante próximos. Eu li aquilo e, imediatamente, pensei: é isso que quero fazer! Era brilhante, estavam ali todas as coisas que me interessavam: comparação, comportamento de elites (o que estudara em minha dissertação sobre proprietários rurais) e a tal prosopografia, com a descrição dos perfis dos grupos sociais, políticos ou intelectuais.

Ato contínuo, fiz aquilo que nunca se deve fazer, bater à porta de um grande intelectual francês sem marcar hora (risos). Fui até o gabinete de Charle, me apresentei e, apesar dos riscos que corri, fui surpreendentemente bem acolhido. Ele me passou uma série de leituras e convidou-me a assistir ao seu seminário na sede da Sorbonne Université, na Rue Mahler (o que fiz pelos três anos seguintes). Nunca foi meu orientador (o verdadeiro orientador ficou, acho, incomodado com meu deslumbremento pelo trabalho de Charle [risos]), nem participou de minha banca, mas foi quem me inspirou definitivamente na carreira. Preparei uma proposta em que destacava o perfil social e político de uma “elite associativa” do patronato rural brasileiro, através da prosopografia das direções de duas entidades representativas dos grandes proprietários rurais que tiveram atuação decisiva nas políticas da grande propriedade – disso que seria hoje o agronegócio –, a Confederação Rural Brasileira e a Sociedade Rural Brasileira. Pedi mudança de inscrição do doutorado de

Sociologia para História, e assim a coisa aconteceu. No final das contas, minha tese foi registrada em História e Sociologia do Mundo Contemporâneo. Acho que involuntariamente o plano administrativo reconheceu minha dificuldade ou hesitação em afirmar uma ou outra área como principal; sempre me considerei um “pesquisador na fronteira disciplinar”.

Qual foi o contexto de edição de *Por outra história das elites* (Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006)? Como foi a articulação com Christophe Charle? E com os outros autores?

Quando voltei ao Brasil e comecei a lecionar, me deparei com a precariedade da bibliografia disponível sobre o tema. Na verdade, quase não havia. Era Burke, de *Veneza e Amsterdã*, e José Murilo de Carvalho, com *A construção da ordem*. E os americanos, Love, Levine e Wirth. Mas estes livros não pareciam ter impactado a área, apesar do sucesso de José Murilo, e poucos pareciam replicar aquele modelo para outros casos. Mais, aqui, eu não conhecia. Traduza Charle, é claro, vários textos. Disse a ele da minha intenção de publicar um livro com bons textos sobre história de elites e prosopografia, e ele os liberou para publicação na hora. E me sugeriu outros autores – creio que aos canadenses cheguei através dele. Aos norte-americanos cheguei por acaso, através do surpreendente livro organizado por Michael Conniff e Frank McCann, *Modern Brazil: elites and masses in historical perspective*, que li na França. Ali havia ótimos textos de prosopografia, entre eles os dois que estão traduzidos no livro. Fiz a proposta de livro para o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) e ela foi acolhida entusiasticamente. Charle e a prosopografia já eram bem conhecidos nas redes reunindo pesquisadores brasileiros e franceses, e, imagino também, entre o pessoal do CPDOC. Não sei se teria a mesma acolhida se o tivesse proposto a outra editora acadêmica importante.

Quais são os países com os estudos prosopográficos mais avançados atualmente?

Difícil dizer. Muita gente faz prosopografia hoje, como solução metodológica conveniente para estudos de pequenas coletividades, estudos sobre elites políticas, profissões, instituições, etc. No Reino Unido, Alemanha, França, Estados Unidos, estão muito disseminados, mas há por toda parte. No Brasil, a produção cresceu muito, sobretudo em estudos de história social do oitocentos, mas muita coisa também em estudos sobre profissões e instituições (e seus dirigentes).

No exterior, a prosopografia é mais “naturalizada” que aqui, ou seja, estudantes recorrem a ela sem tê-la como “o método”, mas como um método possível. Mui-

tos trabalhos incluem um estudo prosopográfico como parte da pesquisa, não como um fim. No início foi muito complicado explicar aos estudantes que a prosopografia não era o fim da pesquisa, mas um meio para adensá-la, oferecer consistência científica, demonstração. A tendência de muitos alunos e “seguidores” (você vê muito disso em conferências no interior do país) é, infelizmente, a reificação do método. Isso tem a ver com o desconhecimento objetivo da sua utilidade e dos “efeitos” da sua recepção no país. Em certo momento, um método, um conceito passa a circular e há um esforço de “sacralização” (vide a disseminação, entre nós, dos conceitos de *habitus* e campo, em Bourdieu, ou as diversas formas em que se apresentou a “nova” história cultural...) que é absolutamente contraproducente. Inúmeras vezes fui chamado a responder questionamentos de estudantes e colegas que desejavam fazer a prosopografia disso ou daquilo, e lá ia eu estragar a proposta, sugerir uma abordagem mais tópica, um uso mais restrito. Há trabalhos que não se prestam à utilização da prosopografia. Ela é um método útil quando há determinados tipos de fontes disponíveis – informações biográficas padronizadas (fichas) para um número elevado de indivíduos, por exemplo –, mas que tem pouco a dizer quando há concentração de fontes biográficas em poucos indivíduos.

A produção prosopográfica anterior, geralmente de História Antiga, guarda relação com a produção atual, de períodos mais recentes?

Não acompanho a área de História Antiga, não saberia dizer o quanto esta área evoluiu, mas é certo que a prosopografia contemporânea apresenta os benefícios da disseminação dos meios da microinformática, o que facilitou muito a tarefa dos prosopógrafos ao simplificar a montagem e migração de bancos de dados.

Como o senhor definiria biografia coletiva?

Deixo aqui minha citação da introdução do livro de 2006:

A prosopografia ou método das biografias coletivas pode ser considerada um método que utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica, buscando revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado momento histórico. As biografias coletivas ajudam a elaborar perfis sociais de determinados grupos sociais, categorias profissionais ou coletividades históricas, dando destaque aos mecanismos coletivos – de recrutamento, seleção e reprodução social – que caracterizam as trajetórias sociais (e estratégias de carreiras dos indivíduos) dos indivíduos. (Heinz, 2006a, p. 9).

Como foi o seu período sabático na Universidade de Oxford (Inglaterra), em 2012? Havia alguma responsabilidade, obrigação, tarefa?

Em Oxford eu segui os trabalhos de Pietro Corsi (historiador da ciência italiano, nascido em 1948), na cátedra de História da Ciência. Lá realizei uma inflexão no que vinha pesquisando até então. Da presença sempre marcante da vida política e administrativa nos meus temas de pesquisa passei a me interessar mais pelo âmbito da ciência, pelo espaço científico como área de atuação de novas elites oriundas dos setores médios urbanos e do serviço público.

Qual a importância do trabalho em equipe em biografias coletivas?

A pesquisa colaborativa preenche com mais facilidade as muitas lacunas de uma prosopografia. Quando você está montando um banco de dados prosopográfico, há um evidente ganho de escala na pesquisa coletiva. Na maior parte do tempo, estamos a preencher um campo biográfico específico, uma linha numa planilha eletrônica. Ora, dois ou três indivíduos preenchendo uma mesma planilha ajudam a acelerar esse processo, normalmente longo e cansativo, e a antecipar e evitar a ocorrência de erro. Numa pesquisa sobre as elites administrativas do Rio Grande do Sul na Primeira República, por exemplo, chegamos a ter quatro ou cinco pesquisadores trabalhando concomitantemente no preenchimento, e isso a partir de fontes variadas – dicionários biográficos, listagens diversas, memórias – em que cada um mais ou menos se especializara. O trabalho “rende” e se torna quase divertido (risos).

O pesquisador de política externa brasileira Rogério de Souza Farias tem utilizado o método prosopográfico. Ele relatou que tem utilizado softwares como Excel e Tableau (Sandes, 2018b, p. 351). O senhor também necessita de tais ferramentas em suas pesquisas?

O uso dos softwares depende essencialmente do grau de complexidade e tamanho da sua amostra ou do seu universo de pesquisa. Na maior parte do tempo, um programa comum como o Excel é mais do que suficiente para as necessidades de registro e cruzamento de dados. Por vezes, quando a pesquisa oferece a oportunidade de criação de um banco de dados sofisticado que seja ele também resultado, por exemplo, um banco de dados que possa ser acessível, consultável na internet, então usam-se programas com mais recursos de interface gráfica, como o Access ou FileMaker.

Aparentemente, no Brasil ainda há pouquíssimo uso do método da biografia coletiva para estudar movimentos artísticos. Uma exceção seria a dissertação de

mestrado de Fabiana Monteiro (2016), que enfoca as trajetórias profissionais de 13 artistas brasileiros ligados à chamada Geração 80. De modo geral, seria proveitoso o uso desse método no campo das artes? O que faltaria para isso ocorrer?

Não conheço a área, mas movimentos artísticos, desde que você consiga definir um número determinado mínimo de indivíduos participantes, ou de gerações de artistas, por exemplo, são plenamente viáveis para uma investigação prosopográfica. A questão aqui é não tentar produzir resultados a partir de um número muito pequeno de indivíduos, o que sempre pode produzir distorções acentuadas pela sobre-representação de determinadas características. Movimentos locais ou regionais que mobilizaram uma dúzia de indivíduos são apostas arriscadas, é minha opinião. Sempre acho mais prudente trabalhar com coletivos amplos, o que nem sempre é possível com movimentos artísticos, bem sei. Mas há muitos trabalhos que tentaram uma abordagem do tipo, tentando apreender carreiras sob uma perspectiva generalizante, não singular, como os de Sergio Miceli sobre literatos da Primeira República. Uma historiadora do Rio Grande do Sul, Julia Simões, estudou músicos e mobilização associativa na primeira parte do século XX. Embora não seja uma prosopografia típica, há um olhar para as recorrências que é típico da mirada prosopográfica.

Qual seu projeto atual de pesquisa? Algum artigo ou livro em andamento?

Meu projeto para ontem é terminar os muitos artigos iniciados e paralisados (risos); já perdi o número. A ficha número 1 dentre eles é um artigo com Marcelo Vianna (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSul), trabalho inclusive já apresentado na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), em 2015 (!), com os dados de nossa pesquisa sobre as elites políticas do Rio Grande do Sul na Primeira República, comparando-as às daquelas dos estudos de Love, Wirth e Levine sobre São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco à mesma época. É um trabalho muito interessante, absolutamente original no campo da história política do Brasil republicano, mas nosso perfeccionismo – ou hesitação – ainda não nos autorizou a nele pôr um ponto final!

Com o mesmo Marcelo Vianna e com o Jonas Moreira Vargas, estamos “cercando” um tema interessante, e deve virar em breve uma pesquisa colaborativa, que batizei de “história social da decadência”. Nós três nos interessamos pelas elites (o Jonas acabou de publicar sua ótima tese sobre os charqueadores de Pelotas [RS], o Marcelo recentemente concluiu a sua sobre a elite técnica dos envolvidos na consolidação da indústria de informá-

tica no Brasil), e temos uma certa fascinação pelas elites que soçobraram, que perderam suas posições de mando ou sua riqueza. Vamos estudar elites econômicas que alcançaram o ápice de prestígio social e político e depois conheceram um acelerado processo de decadência, como os charqueadores, os banqueiros regionais e os empresários da navegação fluvial, dos lanifícios e da agroindústria colonial. Sempre achei essa história do ocaso, do fracasso, muito mais interessante que aquela do sucesso. Estamos muito animados com essa proposta.

Por fim, estou começando a montar o banco de dados de uma pesquisa nova, com Ana Paula Korndörfer, da Unisinos, sobre o perfil social dos bolsistas brasileiros – e latino-americanos –, notadamente nas áreas da Medicina e da Veterinária/Agronomia, da Fundação Rockefeller, entre as décadas de 1920 e 1960. É um trabalho de longa duração, que deve nos envolver pelos próximos quatro ou cinco anos, com certeza, mas um verdadeiro paraíso para um prosopógrafo, uma vez que nos permitirá investigar as vidas de centenas, provavelmente milhares de estudantes e jovens profissionais do continente que tiveram suas carreiras catapultadas pela passagem pela Rockefeller e se tornaram parte da elite científica de seus países.

Referências

- BURKE, P. 1991. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo, Brasiliense, 192 p.
- CARVALHO, J.M. 1980. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 202 p.
- CHARLE, C. 2006. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: F.M. HEINZ (org.), *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro, FGV, p. 41-54.
- CONNIFF, M.; McCANN, F. (eds.). 1989. *Modern Brazil: elites and masses in historical perspective*. Lincoln, University of Nebraska Press, 305 p.
- HEINZ, F.M. 1996. *Les fazendeiros à l'heure syndicale: représentation professionnelle, intérêts agraires et politique au Brésil, 1945-1967*. Paris, Tese de Doutorado, Universidade Paris 10 Nanterre, 450 p.
- HEINZ, F.M. 1998. *Les fazendeiros à l'heure syndicale: représentation professionnelle, intérêts agraires et politique au Brésil, 1945-1967*. Villeneuve-d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 612 p.
- HEINZ, F.M. 2006a. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: F.M. HEINZ (org.), *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro, FGV, p. 7-16.
- HEINZ, F.M. (org.). 2006b. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro, FGV, 224 p.
- HEINZ, F.M. 2009. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). *Revista Brasileira de História*, 29(58):263-289.
- LEVINE, R. 1980. *A velha usina: Pernambuco na Federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 300 p.
- LOVE, J. *A locomotiva: São Paulo na Federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, 471 p.

- MICELI, S. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 435 p.
- MONTAGNER, M.A. 2007. *A consagração das vanguardas: memória e biografia coletivas das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP*. Campinas, Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, 448 p.
- MONTEIRO, F.C. 2016. *Da geração 80 na arte contemporânea brasileira: profissionalização e permanência no ambiente artístico paulista*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 155 p.
- MOORE JR., B. 1983. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo, Martins Fontes, 532 p.
- SANDES, L.F.S. 2018a. *Geração concretista em São Paulo: uma biografia coletiva*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 127 p.
- SANDES, L.F.S. 2018b. Entrevista com o pesquisador de política externa brasileira Rogério de Souza Farias. *Aedos: Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*, **10**(22):347-351.
- SIMÕES, J.R. 2016. *Na pauta da lei: trabalho, organização sindical e luta por direitos entre músicos porto-alegrenses (1934-1963)*. Porto Alegre, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 224 p.
- STONE, L. 2011. Prosopografia. *Revista de Sociologia e Política*, **19**(39):115-137.
- TUCHMAN, B. 1991. A biografia como prisma da História. In: B. TUCHMAN, *A prática da História*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, p. 69-79.
- WIRTH, J. 1982. *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 384 p.

Submetido em: 02/12/2019

Aceito em: 17/02/2020